

**A LÍRICA MODERNISTA DE ERNANI FORNARI:
PRESENÇA SÓCIO-HISTÓRICA EM TREM DA SERRA**

**ERNANI FORNARI'S MODERNIST LYRICS: A SOCIO-HISTORICAL
PRESENCE IN "O TREM DA SERRA" ***

Julia Darol Dall'Alba ¹

RESUMO: Na tentativa de recuperar os estudos de modernismo no Rio Grande do Sul. Apresenta-se aqui um estudo sobre O Trem da Serra de Ernani Fornari, focalizado nos aspectos Sócio-Históricos da Obra. Ernani Fornari foi um grande expoente do Movimento Modernista gaúcho e conseguiu com o Trem da Serra – O poema Colonial da região italiana- reunir as mais decisivas variáveis da doutrina modernista — incorporar a linguagem da vida diária, dialogar com as outras artes, aceitar a velocidade das transformações — com uma atenção rara, raríssima para a paisagem, a história e a sensibilidade próprias de uma parte importante do Rio Grande do Sul, a Serra.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia – Modernismo – Ernani Fornari – Trem da Serra

ABSTRACT: In search for restoring Rio Grande do Sul's Modernist Movement, this article presents a study on Ernani Fornari's poem "O Trem da Serra", focusing on its historical and social aspects. Ernani Fornari was an influent personality in the Modernism in Rio Grande do Sul. Through "Trem da Serra" - a colonial poem from the Italian region – he expressed some of the most decisive aspects of Modernist doctrine, incorporating local language, dialoguing with other arts, accepting the speed of changes and presenting a unique view over the landscape and history that are part of Rio Grande do Sul's mountain range.

KEYWORDS: Poetry – Modernism– Ernani Fornari – Trem da Serra

A década de 20 é de alta importância para a Literatura Brasileira. Nesse período, a produção literária reflete todo o espírito "inquieto" da sociedade brasileira do final da República Velha. Inquietude essa que nasce sob o impacto múltiplo da industrialização (urbanização), da ciência, do cinema e das vanguardas européias. No âmbito político, a estrutura estatal aliava-se às oligarquias regionais, haja vista que ainda reinava a política "Café com Leite", assentada pela hegemonia de São

* O presente artigo foi desenvolvido como parte do conteúdo exigido na disciplina Literatura e Interdisciplinaridade, ministrada pelo professor Dr. José Clemente Pozenato, no mestrado em Letras e cultura regional da Universidade de Caxias do Sul.

¹ Mestranda em Letras e Cultura Regional, Universidade de Caxias do Sul, e-mail: juxlet@yahoo.com.br.

Paulo e Minas Gerais. Esse é um fato importante para entendermos o eixo Sudeste como pilar cultural no Brasil. A capital paulista configurava-se, então, como centro do pensamento literário. Dentro desse quadro, em 1922, temos o nascimento “oficial” do Modernismo Brasileiro, com a Semana de Arte Moderna.

Nos estudos de modernismo literário no Brasil há uma tentativa de uniformização do movimento, não considerando as particularidades de cada região. Conforme Luiz Fernando Veríssimo (2002), “o modernismo paulista é uma tentativa de refletir a experiência paulista da industrialização e da dinamização da produção vivida na cidade, que se modificava, e como tal está mais perto do futurismo italiano, enquanto o modernismo no resto do Brasil não tem essa característica, é mais formal e universal.” Possuímos no Rio Grande Sul uma proximidade ao Prata castelhano. Por isso, há uma influência direta no pensamento gaúcho (talvez mais do que com São Paulo). Essa proximidade deixou marcas indeléveis na cultura gaúcha. Na época da República, nosso gênio Simões Lopes Neto revelou traços mais nítidos de contato com um escritor do Prata, José Hernández, autor do poema *Martín Fierro*, que consolidou a literatura Argentina. Também, as repercussões do Movimento Modernista no estado foram peculiares: o Modernismo gaúcho nunca abandonou completamente os traços simbolistas, o que o aproxima do modelo castelhano, em que "Modernismo", na verdade, significa, em termos brasileiros, "Simbolismo" e "Parnasianismo". Segundo Guilhermino César (1964), em *A Vida Literária do Rio Grande do Sul*: “a literatura vivia aqui traços fortes herdados do século anterior”. Em verdade, temos aqui um contexto todo peculiar: um regionalismo forte, apego às tradições, organização sócio-geográfica que se distingue das demais – esses traços revelam-se na literatura rio-grandense de modo original, tanto no tema como na expressão. Ou seja, algumas das propostas da SAM já vinham se constituindo no estado naturalmente.

Nesse contexto, desenha-se o *Trem da Serra*, com marcas do espírito eminente de renovação literária, “Obra de modernidade, mensageira de uma nova estética”. Publicado em 1928, ano em que são publicados livros-marco do novo movimento, como *Macunaíma* de Mário de Andrade, “O Manifesto Antropofágico” de Oswald de Andrade, expoentes do Modernismo paulista e ainda “Retrato do Brasil”: ensaio sobre a tristeza brasileira, de Paulo Prado.

Ernani Fornari rompe com um sistema literário fixado no pampa e na figura do gaúcho, apresenta aos leitores um novo cenário, e um novo quadro social. Converte em poesia um cenário até então esquecido, e o desbrava através do Trem da Serra o "Poema da região colonial italiana". Percebe-se um caso de modernização perfeitamente orgânico em todos os âmbitos, com uma atenção rara, raríssima para a paisagem, a história e a sensibilidade próprias de uma parte importante do Rio Grande do Sul, até então praticamente inédita.

Fornari decodifica esse novo mundo, e o percorre nas minúcias, desvenda seu cenário e seus personagens e os coloca a protagonizar as cenas do poema-filme. Trem da Serra, conta uma viagem de trem partindo de Porto Alegre rumando às cidades serranas. A Linha Férrea se configurou como o principal transporte dessa época, fora inaugurada em 1925, tendo funcionado até o ano de 1968, a viagem tinha duração de aproximadamente 5 horas. A viagem fazia parte do cotidiano e insere na poesia um novo espaço, "A Serra", como disse Athos Damasceno Ferreira (1972), salientando a importância desse novo lugar: "(...) a renovação implícita na obra de Ernani Fornari, *Trem da Serra*, por explorar um tema ainda inexplorado. É o poema regional da serra: Não há só campo no Rio Grande do Sul." E diz ainda Guilhermino César (1964): "Para a poesia modernista o ano mais significativo vai ser o de 1928, quando apareceram alguns livros destinados a marcar a aceitação unânime dos postulados renovadores entre os jovens que começavam a abrir caminho."

A "Mallet"

é um flete puro-aço

esfaimado de distância,

com um olho na testa e a dentuça de fora,

puxado pelas rédeas compridas das paralelas.

Ele vai, digere que digere feixes de dormentes,

bufando

e sacudindo ao vento

as crinas trançadas de fumaça...

Tróc-tróc... tróc-tróc...tróc-tróc...

Isto? É o batido dos cascos do animal!

*E aquelas brasinhas que vão ficando pelo chão,
o que serão?...*

O trecho acima é o poema de abertura do livro. Apresentando o trem que vai realizar a viagem. É um Trem *antropomorfizado*: o autor usa a prosopopéia para conferir à máquina manifestações vivas. Aproveita ainda a significação do cavalo dentro da tradição literária gaúcha, e a utiliza para fazer analogia à locomotiva. A *Mallet* é um bicho louco, “esfaimado”, “tem um olho na testa e a dentuça de fora” que poderíamos relacionar ao limpa-trilhos e lanterna do trem. Assim faz a inserção do animal-máquina na paisagem. Também consegue nos transmitir o som da imagem através do “recurso moderno” da onomatopéia “Tróc-tróc... tróc-tróc... tróc-tróc”. Aqui já observamos as marcas Modernistas que crescem ao longo da viagem.

O trem vai percorrendo o itinerário, subindo a serra “ofegante” e se inserindo no cenário como partícipe e não apenas um desbravador sorrateiro *A vida saltitante manifesta-se dentro do comboio ou nos quadros sucessivos do écran das janelas.*

Pareci

*Uma faísca
Queimou o chapéu novo do italiano pobre
Que estava cochilando:*

— *Porca miséria!*

*O trem apitou,
chamando um caboclo que, lá longe,
Corre empunhando uma bandeirola positivista...*

*Uma porção de cabeças assomou nas janelinhas.
Toda de branco, ingênua e “fordizada”,
na volteada da barranca toda roxa de bibis
Pareci apareceu...*

*E um bandão de árvores atropeladas
andou distribuindo tapas molhados de orvalho*

na cara das curiosidades ajaneladas...

Observamos no poema o registro do início do processo de modernização, mecanização (Fordização). O capitalismo avançando às áreas pertencentes aos imigrantes. Dentro disso localiza-se o trem, peça indispensável ao desenvolvimento econômico da região, dando vazão aos produtos coloniais e abastecendo a serra. É claro que houve o interesse também de aproximar politicamente o imigrante, para posteriormente incorporá-lo a base eleitoral do partido republicano:

“Júlio de Castilhos, uma vez reintegrado ao poder, procurou incrementar o processo de adesão do colonato italiano ao esquema vigente. Portanto, tratou de ampliar a estrada de ferro que ligava Porto Alegre a Novo Hamburgo, estendendo o ramal de São Paulo a Caxias. Com isso, oportunizava à região italiana o mais rápido escoamento de sua produção até o mercado da capital” (Weber 1980)

Dentro desse caráter de renovação da obra, percebe-se, no âmbito lingüístico, a incorporação aos poemas de expressões do italiano típicas da região, e misturadas com o português coloquial usado no interior/colônia. Temos a presença do “gauchês” e do dialeto italiano, ousando numa fragmentação discursiva. Nesse sentido, veja-se também o poema “Conquista da Serra”:

A conquista da serra

*O gringo veio do mar...
A china estava na terra quando o gringo chegou
Louro e cheio como a guaiaca cheia de onças de um mascate,
Acordando a mataria com a voz empostada,
E fazendo calar os inhambus:*

*“La donna é móbile...”
Ela não compreendia, mas pensava
Que ele trazia para a Terra Nova,
Transformada em esperança, a desilusão do seu País...*

*E a china ficou espiando atrás do pinheiral
O gringo que chegava, louro como o Sol – que era o Deus
[dos seus avós].
— Buenas tardes p’ra vancê!
— Bôna sera!*

— *Que é que ele disse?*

E o gringo construiu uma casa com telhado de tabuinhas...

(O rancho da china era de santa-fê!)

*E o gringo plantou trigo na montanha,
— milagrou aquele chão que era só pedra...*

*E a china ficou espiando aquele entranho que plantava
Também cabelos louros no cocuruto da montanha.
E gostou tanto da maciez estranha da seara
Que quis deitar-se sobre ela e adormecer...*

(Até parecia os cabelos dele!)
— *Per bacco!*

*Mas, o italiano que era esperto despertou a china linda
que dormia
aquele sono milenar...*

Houve um estremecimento mais violento no trigal...

.....
— *Psii! Cala o bico, bem-te-vi! Fais que não viu!*
.....

— *Dandá, dandá
p'ra ganhá tem-tem!*

— *Figlio mio!*

As terras com o qual o imigrante se depara são ainda infecundas, a “mataria” cobria praticamente todo território destinado ao imigrante. Este desempenha um papel de extrema importância à povoação de uma região ainda virgem, como nos diz o poema, com coragem desbrava a terra, enfrenta as dificuldades de idioma e cultura e realiza o feito de fecundar o solo.

“Isolados no meio da mata virgem, os colonos italianos começaram praticamente do zero, desde a derrubada do mato até a abertura do primeiros caminhos. Um dos primeiros cultivos foram o milho e o trigo (...)”KÜHN (2004)

Vale lembrar que o imigrante foi inserido numa política agrária com a intenção de povoar a parte despovoada do estado, assim o protegendo de incursões estrangeiras.

Patriotismo

*Na tarde mole e suada,
os ecos pacíficos da vila arremedaram
um estouro brabo de foguetama.*

E eram só varetas caindo e a molecada que corria atrás.

*Veio um mundaréu de gente de léguas de distância,
saber porque o céu da vila pipoqueara.*

*E o barbeiro, rodeado de colonos,
informou o que é que havia:
— Não foi o frei Fidelis que chegou,
foi o Victorio que tirou na loteria!*

*(O Victorio, coitado! Estava na colônia virando terra,
quando soube da sorte.
Caiu de joelhos, assustado, dando graças à Madonna,
e quase enlouqueceu...)*

*De noute, a “furiosa” deu retreta
em frente da casa do Victorio;
e a cantoria que se ouviu por toda a noute
veio confirmar que a cantina do Victorio
não se esvazia assim no mais...*

*Data dessa noute memorável
a inimizade
entre os agentes do FORD e do CHEVROLET...*

*Bobagem!
Pois o Victorio comprou um FLAT,
por telegrama...*

Tudo é assunto de poesia: a casa do colono, o rancho de sapé, a chegada da hora da refeição, na hora do trem chegar e partir. Ernani Fornari consegue manter o movimento Pathé Baby e o toque mágico do poeta que tudo transforma em beleza e harmonia, pois "o orvalho é a lágrima do céu e o suor da terra." Cumpre-se aqui o preceito de desviar o foco literário – até então centrado no pampa –

e mostrar o bravo imigrante e sua serra. Fornari nos apresenta os elementos históricos que configuram, e desenham a paisagem serrana e seus elementos sociais.

(...) na medida em que o artista recorre ao arsenal comum da civilização para os temas e formas na obra, e na medida que ambos se moldam sempre ao público, atual ou prefigurado (como alguém para quem se exprime algo), é impossível deixar de incluir na sua explicação todos os elementos do processo comunicativo, que é integrador e bitransitivo por excelência (...) podemos dizer que levamos em conta o elemento social, não exteriormente, como referência que permite identificar, na matéria do livro, a expressão de uma certa época ou de uma sociedade determinada; nem como enquadramento, que permite situá-lo historicamente; mas como fator da própria construção artística, estudado no nível explicativo e não ilustrativo. (CANDIDO 2006)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, Eliane Cruxên; LANDO, Aldair Marli. *Capitalismo e colonização – os alemães no Rio Grande do Sul*. In *RS: imigração e colonização*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Ouro sobre Azul, 2006.
- KÜHN, Fábio. *Breve História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Leitura XXI, 2004.
- PESAVENTO, Sandra J. *O imigrante na política rio-grandense*. In: *RS: imigração e colonização*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.
- VERISSIMO, Luiz Fernando. In: *Revista Aplauso*
http://www.apluso.art.br/home/revistaapluso/revista_atual.php?id=43 (ACESSO em 23/05/2003)
- VIANNA, Carla. *Augusto Meyer no Sistema Literário dos Anos Vinte*. Porto Alegre, 2006. Dissertação.
- WEBER, João Ernesto. *O imigrante na ficção gaúcha*. In: *RS: imigração e colonização*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.